

Sessão solene de Abertura das Aulas: Algumas reflexões para o futuro

Excelentíssimo Senhor Engenheiro João Vasco Ribeiro, Membro Externo do Conselho Geral, hoje também em representação do Presidente do Conselho Geral

Excelentíssimos Senhores Vice-Presidentes

Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho Científico

Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho Pedagógico

Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho para a Qualidade e Avaliação

Excelentíssimo Senhor Provedor do Estudante

Excelentíssimo Senhor Presidente da Associação de estudantes

Estimados Colegas Professores e colaboradores Não Docentes

Excelentíssimos Convidados

Estimados estudantes

Hoje, como manda a tradição, celebramos a abertura de mais um ano lectivo.

É tempo, pois, de dar as boas-vindas a todos, estudantes, professores, colaboradores não-docentes e membros de Órgão da Escola e desejar a

todos e a todas um bom ano, quer a nível pessoal, quer a nível académico, quer a nível profissional.

Particularmente aos novos estudantes, queremos não só dar a boas-vindas como notar publicamente que estão de parabéns!

Estão de parabéns porque de um universo de 1520 jovens que terminaram o ensino secundário e que se candidataram, este ano, para estudar nesta escola, ficaram entre os 320 alunos que concretizaram esse desejo. Acreditem que tudo faremos para ajudar a transformar o desejo de estudar numa escola de enfermagem, na paixão pela ideia de ser enfermeiro e de contribuir para mais e melhores conhecimentos e cuidados de enfermagem e mais saúde para todos.

Vós sois, como em cada ano o tem sido, cada nova geração de estudantes, o local de partida e de destino de um sonho que alimenta a comunidade educativa, de que agora também fazeis parte: *“Formar profissionais reconhecidos socialmente pela excelência da sua formação global, para a qual contribui uma cultura institucional que se caracteriza pela centralidade na pessoa, respeito pela sua criatividade, inovação, compromisso com o projecto de Escola, satisfação com o trabalho e o estudo e pela articulação sistemática em todos os domínios da formação, inovação e investigação”* (Plano Estratégico, 2008).

Caros novos estudantes

O sucesso que até agora alcançastes, nos percursos escolares realizados, é promessa suficiente, de que, ao longo dos próximos quatro anos, com o Vosso e o nosso trabalho, veremos este sonho tornado realidade.

Uma vez mais, Bem-vindos a esta Escola e Parabéns!

No início de cada novo ano lectivo é habitual fazer o balanço do ano anterior e falar das actividades desenvolvidas e em desenvolvimento. Este ano serei muito sintética neste balanço.

Por um lado, porque o trabalho realizado é de todos, conhecido. Todos foram actores empenhados para que obtivéssemos os bons resultados já divulgados e por outro porque os relatórios são públicos e podem ser a qualquer momento consultados.

No entanto, sempre direi, que mais uma vez cumprimos as metas a que nos propusemos sendo visível uma evolução positiva, desde 2005 em todos os indicadores. Como fica patente pela leitura do parecer dos membros externos do Conselho Geral da Escola, sobre o relatório de actividades que passo a citar:

“Aumento do número de alunos que frequentaram em tempo completo o curso de licenciatura (1404);

Aumento do número de alunos que frequentaram formação pós-graduada (964);

Número de cursos de pós-licenciatura iniciados e continuados, 17;

Início de oito mestrados;

Aumento da produtividade científica reflectida no número de artigos publicados em periódicos indexados, no número de comunicações científicas em eventos científicos com avaliação por pares e no número de projectos de investigação com financiamento externo em desenvolvimento;

Aumento do número de estudantes e docentes que realizaram programas de mobilidade internacional (17,5% dos diplomados realizaram um período de estudos no estrangeiro);

Aumento do número de docentes doutorados (20%) e a realizar doutoramento com apoio institucional (50);

Aumento da média de acções de formação frequentadas pelos não docentes;

Avaliação positiva dos estudantes sobre os serviços de apoio social e apoio ao seu desenvolvimento global;

Aprovação da Escola para constituir-se como Capítulo da Sociedade Honorífica Internacional Sigma Theta Tau internacional, o primeiro em Portugal; apresentação e aprovação por parte da Organização Mundial da Saúde – Europa da designação da ESEnfC como Centro Colaborador da OMS a partir de Dezembro de 2012. Assunção da coordenação da BVS - Enfermagem, em resposta à atribuição recebida pelo Alto Comissariado da Saúde.

Nestes termos, refere o parecer, a análise do relatório permite verificar que estamos perante uma Escola que, globalmente, apresenta invulgares índices de sucesso. Na verdade a evolução tem sido francamente positiva.”
(fim de citação).

Importa lembrar, que todo este trabalho foi realizado no quadro da implementação dos planos de estabilidade e crescimento para Portugal, que tiveram repercussão em todas as instituições. Mas, tal como aconteceu com todo o sector do ensino superior, graças a uma tradição de optimização dos recursos disponíveis e controlo sistemático das despesas e aumento progressivo das receitas próprias, pudemos mais uma vez cumprir a nossa missão sem gerar deficits, nem contrair empréstimos.

Mas, como diz Camões: ”O valor [desta Escola] não está tanto na obra acabada e perfeita, que essa não é previsível que venhamos alguma vez a contemplar. O grande valor, está, nesta Escola também, “na forte gente”- estudantes, professores e não docentes, que constitui a comunidade educativa - que com “engenho e arte”, se atrevem todos os dias, por caminhos não usados e de forma ousada (e) permanentemente inconformada, a querer ir sempre mais além, a querer fazer e ser sempre mais e melhor.

É com este património, que para o próximo ano teremos que continuar a procurar transformar as dificuldades e constrangimentos em oportunidades de desenvolvimento. Sabemos já, que solidariamente com todo o país,

teremos que conviver com um corte de 8,5% na transferência de Orçamento do Estado, o que nos obrigará a descobrir novas formas de captação de receita, particularmente através de projectos de formação e investigação internacionais que possam captar fundos comunitários e outros.

Mas os problemas com os quais nos vamos cada vez mais confrontando, e não me refiro à Escola, mas de forma global ao mundo em que vivemos não são só e eu diria mesmo, nem essencialmente financeiros.

Vivemos uma nova realidade que nos obriga, particularmente a nós com responsabilidades no ensino superior e na investigação, a dirigir-lhe um olhar atento que permita analisá-la e compreendê-la para podermos encontrar novas e criativas formas de romper com este ciclo negativo e contribuir para uma nova espiral de desenvolvimento.

Precisamos de nos interrogar, cada um de nós, olhando para o presente com olhos postos no futuro, o que é que podemos fazer para contribuir para as mudanças necessárias.

Sabemos que é cada vez mais frequente descrever-se a realidade em que vivemos usando a imagem de um mundo desenfreado, sem controlo, que corre em direcção a um futuro incerto (Giddens, 2000) um futuro, em que as concepções e limites de Espaço, Tempo e de Distância se transformaram - mercê de vários factores, como a erosão das fronteiras e das barreiras geográficas à actividade socioeconómica, a possibilidade de comunicação

instantânea, resultado da intensa revolução nas tecnologias de informação (telefones, computadores, popularização dos canais de televisão por assinatura e da Internet), uniformização das fontes de informação, entre outros - originando rápidas transformações, nem todas positivas, à escala planetária quer a nível político, social, cultural e económico, com fortes implicações na saúde das populações, particularmente com o agravamento das desigualdades em saúde, patentes nos indicadores de saúde de saúde de cada região e de cada país e mesmo no interior de cada país. São abissais, por exemplo, as diferenças nos números da mortalidade infantil, da mortalidade materna, na morbidade e mortalidade por novas e velhas doenças infecciosas, doenças crónicas e de evolução prolongada, mas também são cada vez mais preocupantes as taxas de pobreza extrema e de fome e os indicadores que revelam que ainda há um grande número de crianças sem instrução primária completa. Ao contrário de se criar uma parceria global para o desenvolvimento, como preconizado nos objectivos do milénio, parece-nos por vezes, como defende Marta Lenise do Prado (2004), *que o que mais se globaliza são formas globalizantes de discriminação.*

No nosso caso particular de uma Escola de Enfermagem, cuja preocupação central é a formação de enfermeiros e a investigação que contribua para gerar melhores cuidados e mais saúde, quais são os desafios que se nos colocam, o que podemos fazer, como podemos cooperar

internacionalmente para garantir que encontramos respostas que não contribuam elas mesmas para o reforço de iniquidades mas sim que sejam verdadeiro alicerce na construção da Saúde Global.

Como podemos formar para um mundo em permanente transformação em que a incerteza, a imprevisibilidade, a complexidade, a multiculturalidade, são marcas definidoras. Que prioridades para a investigação em Enfermagem, que contributo é que a ciência de enfermagem pode dar para que a saúde global não continue a ser uma miragem ou um privilégio de alguns?; Que experiências, podemos já hoje, partilhar sobre o ensino-aprendizagem da investigação, sobre a sua organização, sobre a produção e divulgação do conhecimento de Enfermagem e sobre a transferência de conhecimento que origina inovação?

Como lidar com as questões ligadas ao envelhecimento demográfico e saúde; as questões das migrações e saúde; género e saúde, que novos desafios em cuidados de saúde primários, a questão dos recursos humanos em saúde ou das dotações seguras, entre outras.

Pessoalmente, a minha reflexão e leituras levam-me a acreditar que o progresso, quer seja de um país ou de uma área científica é alavancado pelo investimento nas pessoas.

E que uma nova sociedade, a tão falada sociedade do conhecimento, tem que ter por base o capital humano, onde as ideias e a criatividade terão grande importância na(s) mudança(s).

É nesta linha que gostava de vos deixar três ideias para o futuro.

A primeira é a de que considero que precisamos de **grupos ou centros de pensamento**, constituídos por docentes da escola e outras individualidades externas, nacionais e internacionais, para a discussão de ideias, destas e outras, e que no próximo ano devemos incluir de forma prioritária na nossa agenda a constituição e a liderança do funcionamento destes grupos. A escola precisa se transformar numa grande central de ideias. A reflexão alargada que o trabalho desses grupos gerará permitir-nos-á repensar globalmente os nossos domínios de missão e, eventualmente, rever prioridades, planos e acções e contribuir de forma mais efectiva para o desenvolvimento na área da Educação em saúde.

A segunda ideia é a de que temos a certeza que somos a Escola que mais Enfermeiros forma, nos diferentes ciclos, temos que continuar a ter a certeza que formamos os melhores!

Precisamos de garantir que estamos continuamente a contribuir para uma formação global e sólida dos nossos estudantes. Não apenas no domínio científico, tecnológico e ético, mas também cultural. Nunca é demais interrogarmos as nossas práticas, para termos a certeza que educamos, tal como pretendemos, para a autonomia e para a responsabilidade, para a

realização precisa e perfeita do trabalho, para tomar decisões, para o exercício de liderança e da criatividade, para a polivalência, para agir na incerteza e na complexidade, para o desenvolvimento da capacidade de produção de novos conhecimentos, de inovação e de mudança, para que desenvolvam competências para aprender a aprender e a identificarem o que precisam de aprender, para serem agentes de transformação, para adotarem uma postura crítica e de interpretação antecipada das necessidades futuras da sociedade, para o domínio das tecnologias de informação e utilização de várias línguas, para a interacção com múltiplas culturas e o uso da inteligência emocional, etc.

Acima de tudo, temos que garantir que estamos a **formar para pensar**:

Não esquecendo que “Pensar é aprender a ser livre, responsável e honrado. Pensar é esforço e inconformismo, para com o mundo e também para consigo mesmo. Pensar é duvidar e criticar, não de forma altaneira ou presunçosa, senão por desejo do bem comum. Pensar é ter o tempo de poder fazê-lo. Pensar não é repetir ou reproduzir. Pensar é activar o que de nobre há no ser humano, porque pensar é também sentir e intuir. A frase de Descartes não é de todo certa: não se trata de "penso, logo existo", mas penso, logo vivo. Viver é encontrar seu próprio caminho e evitar permanentemente a tentação do fácil. O fácil é não pensar. (*El café de los filosofos muertos*, Nora K. e Vittorio Hösle. Anaya. Madrid, 1998, p. 9).

Formar-se não pode ser, por isso, fácil, nem rápido. Exige trabalho

constante e tranquilo. Deve fazer-nos sentir num processo individual e colectivo de crescimento. Sem esquecermos que a quantidade nunca fará as vezes da qualidade. É para a qualidade que todos, professores e alunos, temos que continuar a trabalhar.

A terceira ideia, que se entrelaça com as anteriores, é que não podemos esquecer, em minha opinião, que a ESEnfC se define como uma instituição de ensino e investigação e não apenas de ensino. Por isso, quaisquer que sejam os constrangimentos, temos que continuar a incrementar a investigação.

A definição e partilha desta visão, aliada à definição de objectivos estratégicos e metas definidas em cada ano, tem gerado, a nível da comunidade académica, uma “nova” relação com a investigação que se traduz numa dinâmica muitíssimo interessante e geradora de resultados, contrariando muitas vezes as dificuldades e contrariedades que ainda são de vulto nesta área. Podemos dizer, hoje, que a investigação e a divulgação do conhecimento que produzimos faz parte das preocupações e acções quotidianas da comunidade académica, ao lado e cada vez mais na intercepção e articulada com o ensino, contrariando a tradição e contribuindo, efectivamente, para o desenvolvimento da Enfermagem enquanto disciplina do conhecimento científico.

Temos de garantir que a investigação continua a ser central na vida da Escola, sendo a marca diferenciadora da nossa instituição.

Enquanto instituição de ensino e de investigação, temos que continuar a contribuir com conhecimento para o desenvolvimento da disciplina e da profissão, ao mesmo tempo que garantimos que a investigação que fazemos alimenta as nossas diferentes áreas de missão, sustentando a diferença qualitativa dos cursos e serviços que a Escola oferece, particularmente dos Cursos de Mestrado nas diferentes áreas do conhecimento especializado em enfermagem.

Importa, pois, continuar a trabalhar para atingir três objectivos que serão, simultaneamente, indicadores de crescimento científico da UI e possibilitarão a sua auto-sustentabilidade: obter para a UI a classificação de “muito bom”, aumentar o número de doutorados inscritos, continuar a submeter projectos a financiamento e, se possível, diversificar os agentes de financiamento.

Sabemos que a Escola, na sua imperiosa necessidade de garantir o funcionamento e rentabilizar os recursos, se vê obrigada, muitas vezes, a desdobrar-se em actividades de formação e a ocupar excessivamente os seus docentes em actividades lectivas, ou ainda em actividades para responder a diversas solicitações da comunidade em projecto de extensão. No entanto, temos que procurar que isso não nos desvie da nossa responsabilidade social e ética de contribuir para o desenvolvimento da Ciência de Enfermagem, até porque temos o corpo docente mais qualificado do país na área a que pertencemos.

Sendo escassos os recursos para a investigação, as escolhas dos projectos não podem deixar de privilegiar os que se revelam socialmente mais importantes e reprodutivos. E obriga-nos a procurar activamente formas de contrariar esta escassez. Para além dos recursos públicos nacionais, disponibilizados através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, quer para financiar basicamente a unidade de investigação, quer para apoiar projectos, existem recursos europeus que devemos continuar a procurar captar activamente, para o que muito pode ajudar o desenvolvimento de projectos em parcerias internacionais. Temos, ainda, que procurar eventuais recursos oferecidos por Fundações nacionais e estrangeiras.

A investigação é necessariamente pessoal, mas não pode deixar de ter uma dimensão colectiva, pela necessidade de confrontar criticamente com os pares os seus resultados. Precisamos de intensificar a vida científica na Escola, criando mais espaços de confronto e de convívio científico e de crítica, melhorando as condições de trabalho, reforçando o tempo disponível para a investigação e os meios financeiros à sua execução.

Antes de terminar, gostava de dirigir de novo a palavra aos mais recentes membros desta comunidade educativa.

Caros novos estudantes,

Penso que ficou claro das minhas palavras anteriores que o projecto formativo da Escola visa o desenvolvimento dos estudantes enquanto

peessoas empenhadas em exercer uma cidadania plena, capazes de assumir responsabilidades, de assumir riscos, de adquirir competências científicas e técnicas indispensáveis ao futuro exercício da profissão de enfermeiro e de desenvolver os valores que lhe são inerentes.

Que a Escola tem consciência da enorme responsabilidade que lhe cabe. Compete-nos oferecer a todos, e a cada um, condições de vivência democrática, em que a participação dos estudantes seja uma realidade responsabilizante, onde o debate e o confronto seja gerador de novas ideias e de ajuda, em que se crie um ambiente de aprendizagem. Ambiente que se caracterize mais pela solidariedade do que pela competição; ambiente em que a justiça seja uma realidade e signifique igualdade de oportunidades; ambiente que permita a circulação do afecto, do respeito mútuo e o estímulo ao interesse pela cultura enquanto dimensão essencial da formação humana. Ambiente que promova uma formação em que o rigor científico, técnico, ético e deontológico sejam a marca diferenciadora.

Iniciar convosco este percurso é simultaneamente um desafio e um compromisso, que aceitamos com muito entusiasmo e alguma utopia que alimenta, em cada ano, o sonho de formar mais e melhores enfermeiros.

Mas, caros estudantes, a maior tarefa será Vossa: Será sempre o vosso trabalho, o vosso empenhamento, a vossa vontade, a Vossa exigência para convosco e para com cada um de nós, que garantirá que este percurso formativo seja um percurso de sucesso.

Percurso que deve conciliar o viver intensamente a juventude, com energia, vitalidade, alegria, irreverência, com o formar-se para ser Enfermeiro ou Enfermeira.

A Toda a Comunidade Educativa desejo um ano que seja um tempo repleto de oportunidades para estudar mais, saber mais, saber fazer melhor, criar mais conhecimento, inovar, desenvolver mais a cultura científica, continuando a perseguir uma cultura de verdade, de avaliação e de abertura internacional.

Bem Hajam pela Vossa atenção.

Coimbra, 10 de Outubro de 2011

Maria da Conceição Bento